

Muito Reverendo Padre,

Gratia et pax Christi. Na bênção de vossa Paternidade me encomendo, dando-me asas de feliz por saber, por vossas novas, que há de saúde e contentamento. Queira Deus que assim seja para salvação e amparo destas terras tão carentes de vossa prestimosa sabedoria, conselhos e exemplo. Sempre louvável seja Nosso Senhor Jesus Cristo que nos tomou, disparatadas criaturas, na sua proteção e santa regência.

Pede Vossa Senhoria que dê miudamente testemunho das cousas que aqui se lavram. Não se pode dar crédito a cousas tão díspares do que é comum e hábito sem muitas provas juntas, não vá outrem tomar por peçonha ou emburilhadas o que de unguento são e verdades vistas aqui prestamos. Não me é dado, mínimo servo, discutir o que o Eclesiastes clama com o esconjuro “Não há nada de novo debaixo do sol” de que aqueles vossos servos de Macau fizeram bonita e apreciada canção e as outras verdades atestadas e para sempre dignas de louvor com que esse livro nos banha, mas vistas as cousas desta minha humilde cela, desta pequena fresta, vos digo que há muito de largo que por aqui nos surpreende e nos mostra que este é tempo de sofrer.

Para eu ser abalizado para este testemunho, prougue - me Deus a escolher só as palavras avisadas e não as que carregadas de escolhos fazem difícil a leitura e afastado o entendimento do que digo.

Não sei quem separou o trigo do joio nem se o que arde por estes campos é palha ou o que nos devera saciar a fome. Sei que lá fora, nos campos desertos, tantos quanto a minha vista alcança, ardem cónicas e verticais diretas ao céu, centenas, talvez milhares de fogueiras. Mal uma se apaga, faíscas se soltam e onde ainda não tinha divisado coisa alguma chamam-se alteiam, por cada que apaga, duas ou três se vivificam. Que não me desamparem as forças de dar deste acontecer notícia com crédito, que sei bem que muito podem os homens desconfiar destes ditos, julgando-os por fantasia ou engorda de retórica.

Podem também ser homens o que lá fora arde, e muito se me aperta o coração em pensar tal, mas há muito que não passa alma nestas cercanias e não vejo pelo campo limpando do rosto o suor que lhes dá o pão os segadores que ainda há pouco eram na monda. Nem tão pouco os que habitam em tendas e têm gado por aqui se veem.

Estranhos e estreitos são tantas vezes os caminhos do céu, tantos trabalhos e tantas obrigações nem sempre nos mostram as veredas da verdade. E nos mostra os santos livros que d'antanho se faziam fogueiras e outros modos de fazer fogo para agradar a Deus. Ainda hoje se acendem círios e se caminham silenciosos ou no compasso de santos cânticos os tementes a Deus. Mas o que vejo, Vossa Paternidade, não me parece singrar nesses costumes, mais me

parece ordem do demoníaco, por certo, como a oferenda de Caim, não deve ver Deus mercê alguma nestes fogos. Pois não crepitam estas chamas, não se lhes percebe cheiro, ardem e é só, vermelhas e negras, e intermináveis.

Vos digo que nestes tempos muito mudou o mundo. Aqui estamos no convento, fechados nas celas, acenando apenas uns aos outros para darmos sinais de vida. Não houve ordem alguma, mas sabemos, sem saber como sabemos, que não podemos sair. Como se um Anjo de espada flamejante nos deixasse de fora do que lá fora arde. Se bem que, nesses sinais que recebemos, alguns dão novas de que em outros conventos o fogo entrou dentro. Por ora, só o vejo rodear-nos, mas não será cousa impossível que alcance estes paços e se derrame nestes claustros até serem do seu ímpeto estas celas pasto.

Esta é a carga que este tempo nos deu, o fogo que tantos profetas viram chegar até nós, o espanto com que lia em Isaías que “Um fogo consumir-vos-á./ E as nações serão queimadas/Como espinhos deitados fora/e queimados num campo.” mudou-se agora para perturbação, desolação e desespero, e nego-me a reler no mesmo insigne profeta “E arderá a sua terra como breu/ De noite e de dia/ E o fogo não será apagado até à eternidade./ E subirá o seu fumo;/ E durante gerações, durante muito tempo, ficará desolada.”

Por aqui fico, o coração temendo ser tição negro e desprezado, vendo por esta fresta curta como se espalham as fogueiras cónicas e verticais ora para além ora para aquém do horizonte, pedindo só a Vossa Paternidade que dê aos meus novas de sossego e apaziguamento já que estou, por enquanto, a salvo e vivo, pois nestes tempos muito mudou o mundo e não sei se outra mudança em tudo diferente da que vejo agora se engalana.

Ao presente não se me oferece mais que me encomende em sua bênção e orações e que o Senhor o tenha sempre em Seu divino amor.

Desta cidade de Viana, 28 de janeiro de 2021

Mínimo Súbdito de Vossa Paternidade,
Frei José De Barcellos